

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Disciplina: História da Música II

Docente: Marcos Câmara de Castro

**Maria Flávia Greggio Gattás**

**Nº USP 10730977**

**Fichamento**

*Referência:*

Raynor, As Origens da Ópera (página 180-208)

Assim como tudo, a música acompanha as mudanças no mundo, em um lento e demorado processo. Nada se realiza de um dia para o outro, e os acontecimentos históricos são importantíssimos para entendermos melhor a música e sua trajetória.

A ópera se inicia com o texto acompanhado. Há manuscritos do século X, que dizem que a noção de música foi aceita, inicialmente, como uma intensificação e manifestação do drama, também chamado de “drama artístico”.

Mais tarde, no século XVI, os poetas franceses estavam fascinados em imaginar como a música e a poesia poderiam interagir juntas. Com isso, fizeram experiências e assim surgiu o “*vers mesurés”* (forma poética), em que a poesia era altamente acentuada, e “*musique mesurée”* (forma musical), em que sílabas mais longas, na língua francesa, foram definidas para valores de notas mais longas, e sílabas mais curtas para notas mais curtas. Embora tivessem uma textura homofônica, havia uma fluidez métrica. O objetivo era imitar e restaurar a compreensão da música grega antiga, que música e texto fossem realçados e valorizados.

No século XVI acreditava-se que a música era uma poderosa arma social e que refletia a situação social do país. Na época, foi declarado que “quando a música era rude e desorganizada, os modos de vida seriam depravados, mas que uma música bem organizada criaria a possibilidade de vidas sadias e bem equilibradas”.

O drama dominava o espaço, porque era muitíssimo popular no seu atrativo e, ao mesmo tempo, totalmente requintado em técnica. O hábito de pensar em termos de drama, com atenção devida ao equilíbrio, coerência de caracterização, contraste de cena, contribuiu mais do que qualquer coisa para o desenvolvimento de uma verdadeira ópera inglesa até o século XX.

A primitiva ópera fiorentina é uma forma quase que terrível em limitar o poder da música a serviço das palavras. Tudo isso para haver a máxima aproximação da música grega antiga, que diziam ser “música de incomparável poder e beleza”.

A “Euridice” de Peri, quando representada pela primeira vez, teve enorme impacto por ser nova e por ser ouvida por inúmeras pessoas (que, na verdade, grande maioria deveriam ser familiares). A ópera de Peri, para respeitar o que era considerado “certo” na época, fugia da expressividade musical e dobrando as palavras e uma formalidade excessiva, que, com o tempo, prejudicava a capacidade do executante de produzir um efeito natural. Somente sete anos depois, veio “Orfeu” de Monteverdi, e há uma distância enorme entre essas duas obras, pois, como em toda grande ópera, música e texto se casam na intenção dramática, e Verdi assimila totalmente a peça na música.

A ópera, por certo tempo, permaneceu monopólio de palacianos abastados, pois montagens caras, ornamentos e artifícios cênicos, custos de cantores e orquestra (um novo estilo exige que que os cantores sejam preparados de um novo modo, sendo, portanto, escassos e tendo condições de impor quando surge a questão de pagamento), e firmou-se também como uma forma especialmente apropriada para comemorações aristocráticas. As cortes do século XVII viam a ópera como uma “super arte” que naturalmente abrangia e unificava todas as demais artes- arquitetura, pintura, desenho, mímica, representação, artes plásticas, poesia, dança e canto. Essas óperas eram montadas com prodigiosa suntuosidade, não se regateando despesas, porque a intenção era mesmo impressionar os convidados, os pares e os seus superiores.

Em 1637, um grupo de aristocratas venezianos puseram em ação um novo fato social e musical, eles constituíram uma companhia para inaugurar um teatro público de ópera com fins lucrativos, oferecendo o entretenimento moderno a quem pudesse pagar entrada. A venda de ingressos financiava a produção e, portanto, as montagens tinham que ser medidas nas rendas obtidas na bilheteria.

Os teatro públicos foram um êxito durantes os primeiros 100 anos de vida. Esses teatros atendiam às condições sociais da cidade, e foram nesses teatros que se desenvolveram a noção do material adequado para a ópera, evoluindo da mitologia e história antiga para a lenda medieval e o romance, perdendo, com isso, um tanto das suas pretensões intelectuais atribuídas à ela desde as suas origens fiorentinas.

Tornou-se, portanto, natural assistir a óperas tanto por motivos sociais como musicais. Não frequentar a ópera era banir-se da sociedade e perder a oportunidade de discutir negócios rendosos e assuntos pessoais alheios à música.

A ópera é o teatro italiano popular porque revelou um estilo dramático que, satisfazendo o público e as exigências artísticas, calca-se em versos apropriados e melodias bastante próximas do cancioneiro popular, sem perder, portanto, o contato com seu passado. E foram nesses teatros que surgiu o poço da orquestra, que antes, para cantores e orquestra conseguirem contato visual, ela era colocada nos bastidores ou em algum canto escuro que não interferisse com o cenário.

No final do século XVII, a ópera era uma arte totalmente internacional e, após ter passado e tomado sua forma por vários países, ela se consolidou quase inteiramente italiana, tanto em língua como em estilo. E essa tornou-se um prazer musical universal.

Foi assim que a ópera palaciana e a ópera pública caminharam juntas, com as mesmas obras sendo executadas, cada uma a sua maneira.